

# BOROMIR: UM HERÓI IMPERFEITO

Diana Marques  
CEAUL

## Introdução

A obra épica concebida por Tolkien com o intuito de escrever uma mitologia para Inglaterra<sup>1</sup> é rica em personagens que habitam o território da Terra Média. Em *O Senhor do Anéis*, o autor tece uma narrativa em que um grupo escolhido de nove membros parte com o objectivo de destruir o Anel Um, em Mordor. Poderá dizer-se que, de alguma forma, todos eles são heróis, porque passam por aventuras e realizam feitos extraordinários que vão coincidir na concretização dos objectivos da Irmandade do Anel. Contudo, a figura do herói possui características específicas e passa por determinadas etapas que o tornam numa figura especial. Mas haverá somente um herói na saga épica escrita por Tolkien?

Nas palavras de Charles A. Huttar: “Epic typically lays before a contemporary audience a vision of lost glory, of an age when heroes walked the earth whose stature we may emulate but not equal” (2008: 3). A épica serve, pois, como porta pela qual os leitores podem espreitar para um período glorioso povoado por heróis e pelos seus feitos extraordinários. W. H. Auden terá sido, talvez, o

---

<sup>1</sup> Na carta 180, Tolkien afirma: “Having set myself a task, the arrogance of which I fully recognized and trembled at: being precisely to restore to the English an epic tradition and present them with a mythology of their own [...]” (Carpenter, 2006: 230-231).

primeiro autor a apontar que *O Senhor dos Anéis* possui dois heróis, Aragorn e Frodo, no seu ensaio “The Quest Hero” (1961). Aragorn, por um lado, é um homem da linhagem de reis, nasceu para ser herói e é durante a narrativa que a sua demanda de reconhecimento do seu estatuto real, maturidade e identidade se estabelece. Por outro lado, Frodo é um herói improvável, sendo um modesto hobbit que acaba por assumir um papel heróico, por ser aquele que carrega o Anel e o leva à sua destruição (Caughey, 2014: 408). Apesar destes dois exemplos mais óbvios, há personagens que se podem também encaixar neste perfil heróico que é transversal a tantas obras literárias. Afinal, o próprio Tolkien menciona que Samwise Gamgee é o herói principal (“chief hero”) da sua obra, na Carta 131 (Carpenter, 2006: 161), exaltando a sua lealdade e amor por Frodo, nunca lhe falhando na sua jornada perigosa – de facto, é por causa de Sam que Frodo consegue concretizar a sua tarefa. Também Gandalf, com a sua sabedoria, além de auxiliar a Companhia na sua demanda, ajuda a delinear a sua estratégia, sofre uma morte metafórica e ressurge com poder renovado, socorrendo os amigos na batalha final em Gondor. E não será Boromir, com a sua morte sacrificial, também um herói, ao dar a sua vida em prol de uma causa maior?

Desta forma, pegando no conceito de herói que é explorada de forma complexa nesta obra de Tolkien, pretende-se pensar sobre Boromir enquanto outro possível herói cuja grandeza está nos seus actos finais, sacrificando-se pela Irmandade. Para tal, será necessário explorar o conceito de herói mítico, a Jornada do Herói, as narrativas de demanda e demonstrar de que forma, apesar de todos os seus defeitos e imperfeições, Boromir foi mais do que aquele que separou a Irmandade.

Tendo sido influenciado pelo conhecimento que tinha das culturas e literaturas nórdica e anglo-saxónica, é possível considerar que Tolkien exhibe em Boromir uma crítica ao *ethos* heróico nórdi-

co, partindo da figura do herói na sua acepção literária, que mostra a existência de uma tensão entre dois estilos heróicos diferentes: o pagão e, por isso, arcaico, obsoleto; e o cristão, conseqüentemente, moderno. Assim, será também importante abordar algumas das características destas culturas para melhor se perceber a complexidade de Boromir, que se encontra associado aos heróis das tradições épica e mitológica, mas reflecte também a sensibilidade cristã e contemporânea de Tolkien.

## **O Herói e a sua demanda**

O herói é uma figura universal, presente em todas as culturas e a sua história é essencialmente a mesma. O primeiro autor a analisar a estrutura das narrativas heróicas foi Otto Rank, em *The Myth and Birth of the Hero* (1909). Baseando-se nos ensinamentos de Sigmund Freud, Rank oferece uma interpretação psicanalítica de várias histórias míticas, comparando mitos relacionados com diversas figuras de forma a entender a psique humana. Também Orrin Klapp escreveu sobre a figura do herói na cultura popular, atribuindo-lhe papéis definidos que são amplamente reconhecidos. Klapp afirma, por exemplo: “An age of mass hero worship is an age of instability” (1948: 135) e, de facto, os heróis emergem quando o mundo em que tanto nós quanto eles habitam é confrontado com um estado de decadência ou ruína, ameaçado por um período de incerteza, e necessitando, por isso, de alguém que restaure o seu equilíbrio. Neste sentido, a importância do herói radica no modo como vem remodelar o mundo, ao erradicar o que está mal, ultrapassando obstáculos de forma a atingir um objectivo de cariz colectivo, muitas vezes através da sua própria morte. Por isso, o herói é alguém que se destaca dos demais através de actos extraordinários, que demonstra a sua coragem, força de carácter e nobreza e é, também, um líder: “[...] the leaders of men, these great ones; the modellers, patterns, and in a

wide sense creators, of whatsoever the general mass of men contrived to do or to attain [...]" (Carlyle, 1908: 5).

Contudo, foi Joseph Campbell que se tornou mais conhecido pelo seu estudo de narrativas heróicas, na obra *The Hero with a Thousand Faces* (1949). No seu trabalho, Campbell afirma que embora a figura do herói tenha sofrido algumas mudanças ao longo do tempo, as narrativas heróicas contam essencialmente a mesma história, em especial as narrativas míticas. A este aspecto Campbell dá o nome de Monomito, ou Jornada do Herói, um conceito que o autor descreve como sendo o padrão narrativo básico da história do herói:

The standard path of the mythological adventure of the hero is a magnification of the formula represented in the rites of passage: separation – initiation – return [...]. A hero ventures forth from the world of common day into a region of supernatural wonder: fabulous forces are there encountered and a decisive victory is won: the hero comes back from his mysterious adventure with the power to bestow boons on his fellow man. (2004: 28)

Assim, a aventura do herói processa-se pelas mesmas etapas que subjazem aos ritos de passagem que se encontram em todas as culturas e segue esse mesmo padrão que simboliza a entrada num novo estádio da realidade: separação, iniciação e retorno. Tendo estes conceitos em mente, as personagens que claramente fazem este percurso são Frodo e Aragorn: ambos partem para um espaço exterior ao que lhes é familiar; encontram paisagens, criaturas e obstáculos extraordinários que têm de superar e vencer; e, por fim, retornam das suas aventuras com poderes para restaurar o equilíbrio da terra. Contudo, este percurso, comum às narrativas mitológicas, acabou por se tornar um motivo recorrente noutras narrativas, como as épicas e os romances medievais.

Também Northrop Frye expande estes conceitos em *Anatomy of Criticism* (1957), identificando este padrão das narrativas mitológicas como estando no centro da intriga do romance e considerando que a demanda do herói é o que determina a estrutura literária do gênero. O herói parte, então, na sua demanda e para que esta seja bem-sucedida tem de completar três estágios a que Frye atribui as designações em grego de *agon*, ou jornada perigosa; *pathos*, a batalha fundamental, que resulta na morte do herói, ou do seu inimigo, ou de ambos; e, por fim, *anagnorisis*, ou exaltação do herói (1973: 187).

Relativamente a este aspecto, Anna Caughey afirma que existem múltiplas jornadas do herói em *O Senhor dos Anéis*. Nas suas palavras: “[...] some of the text’s popularity does derive from its use of the quest as a way of engaging with the universal human experiences of failure, sacrifice, redemption, and growth to maturity” (Caughey, 2014: 407). Assim, o percurso do herói está ligado a uma demanda e, nesta obra de Tolkien em concreto, existem várias: a de Frodo é a de destruir o Anel; a de Aragorn é a de reconhecimento da sua realeza; e a de Pippin, Merry e Sam é alcançar maturidade e identidade social (Caughey, 2014: 406). Contudo, também Boromir exhibe traços de herói e da Jornada do Herói aqui descritos, como se verá adiante.

Além da figura do herói tomada num sentido mais lato, é importante relembrar a influência das culturas pré-cristãs e suas mitologias e crenças religiosas na formação da cultura e do imaginário medievais, bem como, especificamente, na formação do herói medieval. No caso de Boromir, é importante mencionar o *ethos* heróico nórdico.

Na construção da figura heróica, Tolkien procura convergir os seus próprios ideais religiosos e morais com as características dos heróis do passado (Clark, 2008: 43) e, por isso, Boromir é um herói que representa a queda dos ideais heróicos germânicos, mas que

também incorpora a ideologia cristã na hora da sua morte. De facto, Tolkien, enquanto medievalista, era um profundo conhecedor da literatura que preservava o *ethos* heróico do mundo nórdico, mas não aceitava a visão heróica da fatalidade humana ou dos heróis tradicionais aí representados (Clark, 2008: 44). Nesse aspecto, Tolkien confere uma nova roupagem aos seus heróis, em particular a Boromir, ainda que sejam baseados nos ideais nórdicos que estão presentes em obras anglo-saxónicas, como, por exemplo, em *Beowulf*.

Em *Beowulf*, o herói goza de uma boa reputação e é um bom homem. O poeta refere-se a ele como alguém de nascimento nobre e o guerreiro mais forte do seu tempo, com qualidades extraordinárias, exaltando o seu heroísmo. É por causa da sua reputação que Beowulf viaja com os seus companheiros até à Dinamarca para ajudar Hrothgar a derrotar Grendel, acto que é realizado e recompensado pelo rei. Porém, no ensaio “*Beowulf: The Monsters and the Critics*”, Tolkien afirma que Beowulf é um herói condenado pelo facto de ser mortal e isso é, por si só, algo trágico<sup>2</sup>. Ainda assim, Beowulf representa o herói germânico ideal que procura fama digna de ser cantada pelos bardos, que assim perpetuam por gerações futuras um nome que ficará para sempre associado à coragem, à honra e aos grandes feitos em batalha. A obra termina com a descrição da cerimónia fúnebre de Beowulf, após as quais o poeta exalta as qualidades deste herói sem igual: a sua generosidade, lealdade, sentido de justiça e ambição pela fama, constituindo estas qualidades o cerne do perfil de um herói nórdico e que serão recriadas com Boromir (Bremmer Jr., 2005: 85).

---

<sup>2</sup> Em “*Beowulf: The Monsters and the Critics*”, Tolkien enfatiza o carácter trágico da humanidade de Beowulf afirmando: “He is a man, and that for him and many is sufficient tragedy” (18). Esta característica, que também permeia a obra, leva Tolkien a afirmar que *Beowulf* é um poema heróico-elegíaco: “*Beowulf* is not an ‘epic’, not even a magnified ‘lay’. [...] Though if we must have a term, we should choose rather ‘elegy’. It is a heroic-elegiac poem [...]” (1936/2006: 31).

No entanto, a figura de Beowulf também não é consensual, no sentido em que alguns críticos o consideram um herói pagão, enquanto outros o entendem como um herói cristão. De facto, o poema foi registado em meio monástico, no século XI, embora a acção narrativa se insira num passado em que os protagonistas ainda prestam culto a divindades pagãs. Deste modo, é possível considerar Beowulf um herói de transição, “[...] como uma figura que, embora possua traços do passado pagão germânico, revela aspectos que nos permitem encará-lo como um herói medieval, que se caracteriza em primeiro lugar, como vimos, pelo facto de ser cristão” (Varandas, 2010: 42-43). Nesse sentido, também Boromir representa uma transição do herói nórdico, pagão, obsoleto, para o herói cristão redimido, que falha, mas cujos erros podem ser perdoados (Forest-Hill, 2008: 87).

Boromir é, então, uma personagem em conflito consigo mesmo, uma vez que incorpora certos ideais heróicos mas, ao mesmo tempo, sofre uma influência do Anel que acaba por evidenciar as suas falhas. De facto, o Bem e o Mal em Tolkien estão sempre presentes e são possibilidades reais, como a tentação, a ambição, a ganância e a tendência do poder para corromper. Existe, também, uma tensão entre a submissão à vontade divina e o desejo de se engrandecer a si próprio, opondo-se a essa vontade. É este o caso de Boromir que, em prol da sua própria glória e fama, acaba por não se submeter àquilo que é considerado o mais acertado (Huttar, 2008: 5). Boromir é, assim, o herói que cai em desgraça, espelhando a crença de Tolkien de que as grandes histórias encerram sempre uma queda, como diz, na carta 131: “There cannot be any ‘story’ without fall – all stories are ultimately about the fall [...]” (Carpenter, 2006: 144).

Em seguida, ver-se-á como o percurso de Boromir incorpora elementos da Jornada do Herói e dos heróis das narrativas nórdicas que tanto influenciaram Tolkien, representando os heróis míticos

cos do passado que o autor admirava e no qual tenta conciliar as atitudes heróicas pagãs e cristãs (Shippey, 2007: 339).

### **O Percurso de Boromir em *O Senhor dos Anéis***

Boromir é visto como um herói pelos homens de Minas Tirith, um excelente capitão que derrotou o exército de uruks de Mordor, quando estes invadiram Ithilien e tomaram o controlo da cidade Osgiliath, embora a ponte de Osgiliath já estivesse destruída e a cidade, assim, perdida. É, ainda, referido que a bravura de Boromir era tal que até o Rei dos Bruxos de Angmar o temia (“Regresso do Rei”, 1966: 330) e Aragorn caracteriza-o como sendo um homem corajoso, uma vez que a sua bravura e força têm poucos rivais (“Irmandade”, 1966: 300). Porém, à medida que a narrativa avança e o leitor vai tendo um maior conhecimento da personagem, Boromir vai mostrando uma faceta mais obscura que irá culminar no momento em que tenta roubar o Anel de Frodo. Mas será que o heroísmo de Boromir fica manchado com este acto? Será ele o responsável pela separação da Irmandade do Anel? Ou será que Boromir acaba por se tornar num herói cuja redenção advém de uma morte sacrificial?

Boromir afigura-se como uma representação do herói, em particular do herói que figura nas narrativas nórdicas. É ele o defensor de Osgiliath, Guardião da Torre Branca, herdeiro do Mordomo de Gondor, e a primeira vez que o leitor toma contacto com ele é durante o Concílio de Elrond:

[...] um homem alto, de rosto perfeito e nobre, cabelo escuro, olhos cinzentos e olhar altivo e severo.

Usava capa e botas, como se fosse viajar a cavalo, e apesar de o seu vestuário ser rico e a capa forrada de pele, as suas roupas apresentavam manchas reveladoras de que fizera uma longa viagem. Usava, ao pescoço, uma corrente de prata com

uma única pedra incrustada e o cabelo encaracolado cortado e pela altura dos ombros. Tinha pousado nos joelhos, num boldrié, um grande chifre com a ponta de prata.  
("Irmandade", 1966: 263)

Nesta descrição o leitor toma contacto com os aspectos mais proeminentes da descrição física de Boromir, que também sugerem elementos de carácter e personalidade. É possível, então, inferir que Boromir é um homem nobre, de olhar severo e orgulhoso. E apesar deste orgulho poder ser considerado como uma qualidade negativa, aqui é justificado pela sua experiência e proezas enquanto líder militar.

Boromir chega a Rivendell à procura de conselho sobre um sonho recorrente que ele e o irmão Faramir tiveram. E embora Faramir tenha tido o sonho de forma mais recorrente, é Boromir que parte para Rivendell, talvez motivado pelo desejo de obter fama e glória, aspecto típico dos heróis das narrativas nórdicas. E logo durante o Conselho de Elrond é visível que o seu orgulho será problemático, quando é descrito como orgulhoso, ao erguer-se, dizendo que a dignidade e o orgulho de Gondor não se desvaneceram (Tolkien, 1966: 268). Poderá afirmar-se, então, que tendo em conta a Jornada do Herói das narrativas míticas, Boromir encontra-se a primeira fase, a separação, uma vez que parte da sua terra natal para um espaço que não lhe é familiar, a fim de começar uma nova missão.

A desconfiança e arrogância de Boromir são reforçadas aquando da sua intervenção depois de se decidir que o Anel deve ser destruído. Parece incomodado com a sugestão e acaba por propor que o Anel fique com eles para ser usado contra Sauron: "Porque não pensamos [...] que o Grande Anel veio parar às nossas mãos para nos ajudar na própria hora em que tanto precisamos de ajuda? [...] A coragem precisa primeiro da força e depois de uma arma. Que o anel seja a nossa arma, se tem tanto poder como dizem! Aceitem-

-no e avancem para a vitória” (“Irmandade”, 1966: 291). O discurso de Boromir demonstra que ele é um combatente que compreende a guerra puramente como uma luta física, ao invés de um conflito espiritual, e acaba por veicular essa ideia através de uma linguagem heróica, valorizando a força e as armas, principalmente o poderoso Anel Um, enquanto principais fontes da vitória. O heroísmo de Boromir é um heroísmo pragmático, que se revela no terreno de combate corpo a corpo e o seu orgulho é consistente com o seu estatuto de nobre e guerreiro experiente, de homem que conhece o seu valor também devido à sua experiência e conquistas (Forest-Hill, 2008: 78). No entanto, é essa arrogância que tolda o seu heroísmo: “[...] Boromir’s arrogance not only mars his heroism, it foreshadows his role as breaker of the Fellowship” (Davis, 2007: 75). De facto, é no Conselho de Elrond que a *húbris* de Boromir começa a mostrar-se e que o leitor começa a desconfiar que ele esconde motivos mais obscuros e, porventura, mais perigosos para a demanda da Companhia.

Depois de formada a Irmandade do Anel, os seus membros partem para sul, com a finalidade de destruir o Anel e de derrotar as forças de Sauron. É neste momento que se dá a iniciação da Jornada do Herói para Boromir, uma vez que é a partir daqui que ele se vai deparar com várias aventuras, testes, e paisagens novas, com os seus restantes companheiros. E é durante a travessia de Caradhras, as Montanhas Nebulosas, que Boromir assume a posição de líder do grupo à medida que o caminho vai ficando mais difícil e perigoso. Há, então, uma descrição da sua força física e da vontade de liderar que faz com que Boromir se queira sobrepor a Aragorn. De facto, durante a travessia nas Montanhas Nebulosas são exaltadas as qualidades físicas de Boromir no que toca à sua força e resistência, aspectos que são vistos como notáveis e dignos de admiração por parte dos hobbits, como é o caso de Pippin que é carregado às costas de Boromir: “Pippin maravilhou-se com a força de Boromir,

ao ver o caminho que ele já tinha aberto sem outra ferramenta além dos grandes membros” (“Irmandade”, 1966: 318). É ele que abre caminho por entre a neve, seguido por Aragorn, e aí é notada a sua força e constituição física: “Boromir parecia nadar ou escavar com os grandes braços, em vez de andar” (“Irmandade”, 1966: 317). Esta passagem dá a sensação de que Boromir luta contra as forças da natureza, possuindo uma força sobre-humana, e, ao tentar salvar os seus companheiros da morte certa, os seus esforços são louvados e o seu estatuto de herói torna-se mais evidente. Boromir possui, então, qualidades positivas, nobreza de carácter e espírito de entreajuda. É corajoso e gentil e isso é patente em vários momentos da narrativa.

Depois de ultrapassarem as dificuldades da travessia das Montanhas Nebulosas, a Companhia decide prosseguir caminho através de Mória e aí Boromir volta a mostrar arrogância e dúvida, nomeadamente pelo facto de Gandalf não saber as palavras que abrem a Porta de Dúrin, dizendo irritado: “Então de que valeu trazer-nos a este maldito lugar? [...] Disse-nos que, uma vez, atravessou as Minas. Como foi isso possível, se não sabia como entrar?” (“Irmandade”, 1966: 332). Porém, Gandalf censura a observação de Boromir, chamando a atenção para a sua falta de bom senso: “[...] duvida das minhas palavras? Ou não lhe resta ponta de siso?” (“Irmandade”, 1966: 332). Boromir demonstra a sua altivez através destes momentos de dúvida, pondo em causa os conhecimentos dos outros, talvez frustrado por não possuir o Anel e de não poder usá-lo para alcançar os seus objectivos de liderar os homens de Minas Tirith contra o poder de Sauron. De facto, esta procura pelo poder, seja ao tentar ser o líder da Companhia ou através da posse do Anel, faz com que Boromir se torne arrogante e imprudente, dando demasiada importância ao poder, e mostrando a sua vulnerabilidade perante a possibilidade de corrupção através do Anel (Davis, 2007: 75).

Quando chegam à Floresta Dourada, Boromir é o único que desconfia de Lothlórien, temendo que o local seja demasiado perigoso, de acordo com as histórias que se contam em Gondor, e não quer prosseguir. Porém, e de acordo com Aragorn, só os que escondem algum mal é que a devem temer: “[...] É perigoso, sim; belo e perigoso. Mas só o mal deve temê-lo, ou aqueles que trazem algum mal com eles” (“Irmandade”, 1966: 365). E é quando encontra Galadriel, a Senhora de Lórien, que parece ter a capacidade de olhar para dentro de cada um deles, que Boromir se sente incomodado por essa habilidade e a condena: “[...] No entanto, quase diria que estava a tentar-nos, a oferecer-nos o que alegava ter o poder de dar. Escusado seria dizê-lo, mas recusei ouvir. Os Homens de Minas Tirith são fiéis à sua palavra. [...] Não confio exageradamente nesta Senhora e nos seus propósitos” (“Irmandade”, 1966: 385-6). Boromir evoca, novamente, a grandeza dos homens da sua terra natal, da sua lealdade e determinação, como forma de afirmar essas qualidades em si mesmo e de pôr em causa as intenções de Galadriel, espelhando o seu próprio conflito interior no que diz respeito à tentação de possuir o Anel.

Quando se preparam para sair de Lothlórien, Boromir propõe seguirem para Minas Tirith, afirmando que é esse o seu dever. Porém, tanto esse dever como a sua honra parecem ensombrados quando se dirige a Frodo, dando a sensação de que trava uma luta interior, ao sugerir, mais uma vez, que o Anel, em vez de destruído, seja usado para derrotar Sauron (“Irmandade”, 1966: 427-8). Esta luta interna sugere o efeito negativo que o Anel tem sobre si, trazendo ao de cima as suas características heróicas que, quando levadas ao extremo, dão origem, precisamente, aos sentimentos que vão propiciar a sua queda enquanto herói: a arrogância, a altivez e o orgulho. O que move Boromir tem uma origem boa e nobre, que vem da sua coragem, força e valentia enquanto líder dos homens de Minas Tirith. Boromir é um homem motivado por ide-

ais e valores dignos, mas perante a presença de uma força exterior maligna, o Anel, acaba por pôr em causa esses ideais heróicos e prova que até os heróis vergam e podem ceder ao poder do Mal. Assim, apesar de as intenções de Boromir serem boas, as influências maléficas do Anel transformam-nas num desejo de poder e domínio (Beebout, 2018: 4).

Depois de todos estes momentos, Boromir acaba por ceder ao poder do Anel, estabelecendo-se como elemento disruptor da história, uma vez que é depois das suas acções que a Irmandade se separa. O capítulo em que tal acontece é precisamente intitulado “O Desfazer da Irmandade”. É, então, em Parth Galen que Boromir tenta tirar o Anel a Frodo, num momento em que mostra a sua imprudência e a influência que o Anel exerce sobre ele. O homem de Gondor é descrito como olhando para Frodo com alguma hostilidade (“Irmandade”, 1966: 426) e com olhos que brilham (“Irmandade”, 1966: 427) quando se fala no Anel. É nesta altura que, enquanto tenta convencer Frodo a dar-lhe o Anel, revela um discurso que remete para o *ethos* heróico que se encontra na formação da maioria dos heróis das narrativas nórdicas. O seu discurso foca-se na lealdade e na força dos homens contra o poder inimigo, da valentia que é morrer em combate, traçando planos e vislumbrando vitórias gloriosas, e até Frodo vê nele o potencial de ser um rei poderoso, benevolente e sábio (“Irmandade”, 1966: 428). Boromir insiste que poderia ser ele a liderar esse exército se estivesse em posse do Anel, dizendo:

É uma dádiva, afirmo, é uma dádiva para os inimigos de Mordor! É loucura não o utilizar, não utilizar o poder do Inimigo contra ele próprio! Só os destemidos, os implacáveis, só eles alcançam a vitória! Que não poderia fazer um guerreiro nesta hora, um grande comandante? Que não poderia Aragorn fazer? Ou, se ele recusasse por que não Boromir? O Anel dar-me-ia o poder de comandar. Como eu

atacaria as hostes de Mordor! Todos os homens se reuniam sob a minha bandeira! (“Irmandade”, 1966: 427-8)

Aqui, Boromir revela toda a sua soberba enquanto guerreiro, líder, comandante das tropas de Minas Tirith e a sua ânsia de obter o Anel de forma a que esse poder lhe seja conferido. E embora ele tenha o potencial de ser um rei com as qualidades vistas por Frodo, é este orgulho, esta ânsia pelo poder e a tentação do Anel que acabam por corromper o coração de Boromir, fazendo dele um herói imperfeito. Porque, através desta influência maligna externa, Boromir leva os ideais heróicos a um excesso e tenta roubar o Anel a Frodo, insultando-o, afirmando que são os Homens de Númenor que têm direito a reivindicar o Anel e não um simples hobbit, revelando a sua fúria (“Irmandade”, 1966: 428-9). Depois deste acesso de loucura que se reflecte de forma física, em que a fúria de Boromir se revela na deformação horrenda e momentânea do seu rosto, Frodo foge de Boromir e este, no seu encaço, acaba por tropeçar numa pedra e cai (“Irmandade”, 1966: 429). E é como se esta queda o fizesse acordar e perceber o mal que acabara de fazer, reconhecendo que uma loucura se apoderara dele, ao mesmo tempo que revela o seu arrependimento.

Quando Boromir volta para junto dos restantes companheiros, a sua mudança é notória, com o seu rosto triste e sombrio, isolando-se e sempre de olhar no chão, numa atitude introspectiva e de culpa (“Irmandade”, 1966: 433). Boromir parte, depois, para procurar Merry e Pippin, enquanto os restantes vão à procura de Frodo. E é nesse período de tempo que ocorre um ataque de Orcs em que Boromir luta para proteger Merry e Pippin, mas acaba por ser encontrado por Aragorn já ferido e à beira da morte. É então que confessa a tentativa de roubo do Anel e reconhece que errou, tendo pago com a própria vida (“As Duas Torres, 1966: 18). No entanto, Aragorn restitui-lhe o seu heroísmo por ter matado vários Orcs e ter tentado defender os hobbits, afirmando: “Tu venceste. Poucos obtiveram uma

tal vitória. Fica em paz! Minas Tirith não cairá!” (“As Duas Torres”, 1966: 18). Assim, é como se Aragorn absolvesse Boromir dos seus actos mais condenáveis e o libertasse da culpa e do peso de ter desfeito a Irmandade. Neste sentido, relativamente à Jornada do Herói, Boromir não passa pela etapa do retorno, uma vez que é o primeiro e o único a cair nesta aventura. Na perspectiva de Frye, Boromir permanece na etapa do *pathos*, em que, neste caso, é o herói que tomba em prol de um bem maior. Neste episódio, Boromir toma consciência das profundezas de todas as suas falhas e as suas acções finais vão no sentido de emendar o seu erro e o mal que fez, mostrando também a sua força moral. Estes elementos tornam a sua morte sacrificial e redentora, demonstrando o seu remorso genuíno. E embora não consiga salvar os hobbits, a sua tentativa e escolha de o fazer, independentemente do resultado, é o que lhe atribui valor moral e permite que a sua figura não seja completamente negativa. Desta forma, a queda de Boromir é a raiz da sua redenção (Beebout, 2018: 5).

### **Conclusão: A morte redentora de Boromir**

Nas palavras de Straubhaar relativamente à obra de Tolkien, “Men are flawed from the beginning, but redeemable” (2007: 417). Assim, na morte de Boromir, parece pairar, apesar dos seus erros, um certo optimismo devido à possibilidade de redenção, que é uma redenção cristã, efectuada através do acto da confissão e do posterior arrependimento. Assim, Boromir é um herói que, quebrado pela sua impaciência e orgulho, acaba por morrer com honra e dignidade, redimindo os seus actos anteriores através de uma morte sacrificial. De facto, a separação da Companhia provocada pelos actos de Boromir era inevitável para o avançar da narrativa e pode ser, inclusive, encarada como algo positivo, fazendo de Boromir um catalisador para que os outros pudessem concretizar as suas missões indispensáveis na história (Branchaw, 2015: 124).

Boromir representa, também, o declínio dos Homens de Númenor: “[...] Men can be proud, arrogant, willful, and wrong and paradoxically not cease to be heroic. As happened with the Nazgûl, the Nine Ringwraiths, who began life as mortal Men, Men’s desire for power and riches can ruin them” (Straubhaar, 2007: 417). O desejo de Boromir de suceder ao pai enquanto líder e rei de Gondor nunca se poderia concretizar, afinal é Aragorn quem descende da linhagem nobre dos Homens de Númenor, sendo Boromir apenas filho de um Mordomo. Por isso, ambos são algumas vezes comparados, porque apesar de os dois serem da raça dos Homens, só um tem o direito legítimo ao trono. O contraste entre Boromir e Aragorn é reforçado, ainda, pelo facto de Aragorn se apresentar mais discreto e humilde, mais sensato e por não ambicionar o poder como Boromir. De facto, enquanto Boromir deseja dar a conhecer a força e grandeza de Gondor e a sua própria capacidade de liderar uma guerra contra Sauron, nunca escondendo a sua identidade e exaltando a sua origem, Aragorn acaba por querer o oposto: manter-se discreto, a sua identidade velada até ao momento final em que assume, de facto, o papel para o qual estava destinado. Essa linhagem é referida de forma indirecta, por exemplo, quando é descrita a indumentária de Boromir no momento em que se preparam para partir de Rivendell, em que a sua espada é semelhante à de Aragorn em forma, mas de uma linhagem menor, sendo que esta comparação entre espadas se aplica, metaforicamente, a Boromir e a Aragorn. Ambos semelhantes, mas Aragorn de uma linhagem superior e, por isso, só a ele o trono de Gondor está reservado. Nas palavras de Charles Huttar: “If the reign of Stewards comes to an end, it is because the King has returned” (2008: 12).

E por estas razões, entre Aragorn e Boromir só Aragorn poderia ser considerado herói, uma vez que nasceu destinado para tal. E é neste contraste entre as duas personagens que Tolkien demonstra que aquele que irá prevalecer será o herói motivado por ideais con-

sistentes com os seus valores morais e religiosos: Aragorn. Numa obra cujo mundo tem um cunho claramente cristão, embora nunca haja menções ou referências explícitas ao Cristianismo, Aragorn representa a moral dos heróis cristãos, enquanto Boromir representa os heróis mais antigos, que buscam glória e fama, mas que já estão obsoletos e não têm lugar na sua história (Clark, 2008: 43-44). Assim, Tolkien re-escreve a figura do herói tradicional na literatura, que tem raízes nórdicas, mas que precisa de ser actualizado para valores e ideais contemporâneos. Afinal, segundo Clark: “Tolkien knew and loved the literature that preserved the heroic ethos of the old Germanic world, but he could not accept the heroic vision of man’s fate or the traditional heroes represented in those literatures. His fantasy fiction rewrites heroic literature and the hero [...]” (Clark, 2008: 44). Aragorn, ao apresentar-se como um homem motivado pela justiça, bondade e altruísmo, cujo objectivo não é obter fama nem proveito, mas sim cumprir a sua demanda e derrotar as forças de Sauron, é aquele que redime a morte de Boromir, quase numa passagem de testemunho: a era do herói nórdico terminou para dar lugar ao herói cristão.

Assim, a morte de Boromir, apesar de ser a consequência das suas falhas, acaba por ser o elemento que lhe restitui o estatuto de herói: “In spite of his error, Boromir’s final act—defending the younger hobbits, which brings about his death, returns him to the honorable status of the warrior. The fact that he cannot save them from being captured does not diminish the heroism of his single-handed attempt” (Forest-Hill, 2008: 80).

Na sua última batalha defendendo Merry e Pippin, a motivação de Boromir não é a glória em batalha, mas sim a defesa daqueles que são mais fracos e precisam de ajuda, o que confere à sua morte um estatuto heróico e também redentor, através do sacrifício. Através da morte de Boromir, Tolkien retrata uma transição e uma reconciliação entre o espírito heróico pagão e as doutrinas cristãs,

incorporadas na presença de um herói imperfeito que procura a absolvição e é perdoado quando dá a vida por uma causa maior (Forest-Hill, 2008: 82). Poderá dizer-se, então, que a importância de Boromir reside não na sua queda, mas na sua absolvição, marcando a transição entre o herói pagão, à partida, condenado e o herói cristão redimido, cujos erros podem ser perdoados (Forest-Hill, 2008: 87).

Importa, ainda, mencionar que embora a obra de Tolkien seja marcada pela “eucatástrofe”, aspecto que apresenta e desenvolve no ensaio “On Fairy-Stories” e que caracteriza como uma súbita e boa mudança de eventos que assegura que o protagonista não sofra um final trágico (Tolkien, 1947/2006: 153), ela vem quase sempre acompanhada de perda e luto. Neste caso, o arrependimento de Boromir e as suas acções posteriores são a primeira eucatástrofe no percurso de Frodo. Afinal, é pela súbita mudança de Boromir que Frodo consegue escapar e, posteriormente, parte para Mordor. Porém, esta súbita e positiva mudança vive-se ao mesmo tempo de uma perda de um homem corajoso e leal, de um luto por alguém que deu a sua vida para salvar outros – e não pode haver morte mais salvífica e redentora que esta. Assim, concluindo nas palavras de Tolkien: “Let us by all means esteem the old heroes: men caught in the chains of circumstance or of their own character, torn between duties equally sacred, dying with their backs to the wall” (1936/2006: 17).

## Referências

- AUDEN, W. H. “The Quest Hero”. *Texas Quarterly*, vol. 4, no. 4, 1961, pp. 81-93.
- BEEBOUT, Kayla. ““Few Have Gained Such a Victory:” A Defense of Boromir in *The Lord of the Rings*”. *Journal of Tolkien Research*, vol. 6, no. 2, 2018, pp. 1-9.

- BRANCHAW, Sherrylyn. "Boromir: Breaker of the Fellowship?". *Tolkien Studies*, vol. 12, 2015, pp. 123-140.
- BREMMER JR., Rolf H. "Old English Heroic Literature". *Readings in Medieval Texts: Interpreting Old and Middle English Literature*, editado por David Johnson e Elaine Treharne, Oxford University Press, 2005, pp. 75-90.
- CAMPBELL, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. Princeton: Princeton University Press. 2004.
- CARLYLE, Thomas. *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*. J. M. Dent & Sons. 1908.
- CARPENTER, Humphrey, ed. *The Letters of J. R. R. Tolkien*. HarperCollins. 2006.
- CAUGHEY, Anna. "The Hero's Journey". *A Companion to J. R. R. Tolkien*, editado por Stuart D. Lee, Wiley Blackwell, 2014, pp. 404-417.
- CLARK, George. "J. R. R. Tolkien and the True Hero". *Bloom's Modern Critical Views: J. R. R. Tolkien*, editado por Harold Bloom, Infobase Publishing, 2008, pp. 43-58.
- DAVIS, Alex. "Boromir". *J. R. R. Tolkien Encyclopedia: Scholarship and Critical Assessment*, editado por Michael D. C. Drout, Routledge, 2007, pp. 74-75.
- FOREST-HILL, Lynn. "Boromir, Byrhtnoth, and Bayard: Finding a Language for Grief in J.R.R. Tolkien's Lord of the Rings". *Tolkien Studies*, vol. 5, 2008, pp. 73-97.
- FRYE, Northrop. *Anatomy of Criticism: Four Essays*. Princeton University Press. 1973.
- HUTTAR, Charles A. "Tolkien, Epic Traditions, and Golden Age Myths". *Bloom's Modern Critical Views: J. R. R. Tolkien*, editado por Harold Bloom, Infobase Publishing, 2008, pp. 3-16.
- KLAPP, Orrin. "The Creation of Popular Heroes". *American Journal of Sociology*, vol. 54, no. 2, The University of Chicago Press, 1948, pp. 135-141.
- SHIPPEY, Tom. *Roots and Branches: Selected Papers on Tolkien*. Walking Tree Publishers. 2007.

- STRAUBHAAR, Sandra Ballif. “Men, Middle Earth”. *J. R. R. Tolkien Encyclopedia: Scholarship and Critical Assessment*, editado por Michael D. C. Drout, Routledge, 2007, pp. 414-417.
- TOLKIEN, J. R. R. “*Beowulf: The Monsters and the Critics*”. *Beowulf: The Monsters and the Critics and Other Essays*, editado por Christopher Tolkien, 1936, HarperCollins, 2006, pp. 5-48.
- , “On Fairy-Stories”. *Beowulf: The Monsters and the Critics and Other Essays*, editado por Christopher Tolkien, 1947, HarperCollins, 2006, pp. 109-161.
- , *O Senhor dos Anéis*, vol. I: “A Irmandade do Anel”, 2.<sup>a</sup> edição, tradução de Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa, Publicações Europa-América, 1966.
- , *O Senhor dos Anéis*, vol. II: “As Duas Torres”, 2.<sup>a</sup> edição, tradução de Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa, Publicações Europa-América, 1966.
- , *O Senhor dos Anéis*, vol III: “O Regresso do Rei”, 2.<sup>a</sup> edição, tradução de Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa, Publicações Europa-América, 1966.
- VARANDAS, Angélica. “O Rosto do Herói Medieval: Beowulf e Gawain”. *Brathair*, vol. 10, no. 2, 2010, pp. 26-50.